

EDITORIAL

Mônica Andrade Modesto
Maria Inêz Oliveira Araujo

Refletir as questões socioambientais e a nossa relação com o ambiente é, e tem-se feito cada vez mais, necessário no decorrer dos últimos tempos, frente aos desdobramentos vivenciados pelas transformações ambientais que atingem diretamente as interrelações existentes na complexidade fundante da organicidade sistêmica na qual estamos enredados.

Esse ano de 2020, especificamente, nos apresentou o desafio de vivenciarmos e enfrentarmos uma pandemia que não pode ser compreendida somente como um fator sanitário, haja vista a problemática resultante das implicações econômicas, políticas, sociais, ambientais, psicológicas, culturais e educacionais emergentes da nova organização societária requerida de nós para o combate ao vírus que, avassaladoramente, ameaça assolar a espécie humana, nos impulsionando a pensar nossas formas de pensar e agir, conforme afirmam Santos (2020)¹ e Modesto e Santos (2020)² em suas reflexões acerca da crise pandêmica.

Nessa perspectiva, o fortalecimento das discussões relacionadas à dimensão ambiental da educação emerge como estratégia de re(ex)istência e enfrentamento às consequências do *modus vivendi* e *operandi* que temos desenvolvido historicamente, bem como à reprodução desse *establishment* legitimada pela estrutura do sistema capitalista. Por conseguinte, a educação

¹SANTOS, Boaventura Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Portugal: Edições Almedina, 2020.

² MODESTO, Mônica Andrade.; SANTOS, Tatiana Ferreira dos. Atuação dos educadores ambientais e a (re)construção de sociedades sustentáveis: constructo de uma transformação possível. In: *Revbea*, São Paulo, V. 15, No 4, 2020. p. 528-548. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10828>. Acesso em: 17 dez. 2020.

ambiental assume a condição de essência e subsídio dos processos formativos escolares e não escolares, exercendo o papel de contributa para a formação crítica dos sujeitos por intermédio da tomada de consciência e atitude resignificadas que se reverberam no combate à problemática socioambiental.

O presente número da Revista Sergipana de Educação Ambiental traz oito artigos que versam sobre a educação ambiental refletida e discutida à luz de múltiplos olhares epistemológicos, ressaltando possibilidades discursivas, práticas e práxicas arraigadas nos princípios da tendência crítica educacional e do campo de estudos concernente à educação ambiental que se apresentam como mobilizadoras de resignificação das reflexões e ações humanas na estrutura complexa na qual vivemos e da qual viemos, sob a égide da inter e da transdisciplinaridade.

Assim, o primeiro artigo, *Saberes sobre Meio Ambiente de Mestrandos em Educação do Sudeste Goiano*, de autoria de Wender Faleiro e Geize Kelle Ribeiro, destaca, com base nos preceitos da educação crítica, o mapeamento conceitual relacionado a meio ambiente, sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e educação ambiental de discentes matriculados no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão, demonstrando a necessidade de inserção da dimensão ambiental no currículo e de aprofundamento das discussões ambientais durante as aulas e produções acadêmicas no curso supracitado.

O artigo *Perspectivas dos visitantes sobre o Bosque da Ciência (Manaus, Amazonas) como um espaço facilitador de educação ambiental*, escrito por David Nogueira, Gabriel Nunes e Maria Olívia Simão aborda a educação ambiental não formal a partir da interpretação das possibilidades existentes no espaço denominado Bosque da Ciência como *locus* oportunizador de implementação de educação ambiental crítica direcionada para os frequentadores do referido parque.

João Correia e Francisco Pegado discutem, no artigo *Educação ambiental escolar para o semiárido paraibano: percepções ambientais dos educandos de uma escola pública da Caatinga*, os frutos de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida no Cariri da Paraíba que teve como escopo a inserção de educação

ambiental na Educação Básica a partir de uma interlocução com os estudos relacionados aos biomas e, em específico, à Caatinga, demonstrando, ao final, a emergência de enfrentamento à compreensão antropocêntrica e naturalista do ambiente que é reproduzida pelo currículo ao longo dos tempos e a potencialização da educação ambiental para esse enfrentamento.

O quarto artigo, *Design Thinking na Educação Ambiental: a problemática do Eucalyptus Urophylla S.T. Blake em uma escola do extremo sul baiano*, elaborado por Eli Shuab Lima, Ageu Oliveira e Sindiany Caduda, trata de discussões relativas às metodologias ativas, apresentando a proposta metodológica intitulada *Design Thinking* como instrumento para a promoção da educação ambiental na Educação Básica, elencando como cerne da reflexão a necessidade de resignificação da percepção de estudantes acerca da monocultura do eucalipto no município de Teixeira de Freitas, situado na Bahia, a fim de despertar-lhes protagonismo socioambiental e engajamento na luta pela sustentabilidade e, conseqüentemente, transformações atitudinais.

Em *Doutorado sanduíche no exterior: espaço-tempo de (re)significar a educação ambiental na formação de educadores*, Ionara Albani e Cláudia Cousin relatam e refletem uma experiência formativa vivenciada em Sevilha, na Espanha, entre 2018 e 2019, na qual buscam compreender as concepções de educação ambiental predominantes no território espanhol sob os preceitos epistemológicos da tendência crítica desse campo de estudo, identificando como principais resultados a necessidade de ampliação dialógica no que concerne à educação ambiental nas instituições de ensino espanholas, assim como o engajamento destas em movimentos sociais em defesa do ambiente e como resposta às políticas públicas incipientes no tocante às questões socioambientais.

Juliana Antônio, Adriana Kataoka e Patrícia Neumann apresentam, no artigo *As percepções de docentes acerca da educação ambiental: uma análise a partir da Complexidade*, uma discussão sobre formação docente continuada no contexto da educação ambiental, trazendo resultados de um curso ministrado para professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental no centro-oeste do Paraná. Neste texto, é possível verificar quão necessária continua sendo a desmistificação da educação ambiental na óptica docente que ainda está presa

aos grilhões do pensamento simplificador e fragmentador proposto pela Modernidade – fomentadores de concepções ingênuas e pautadas no conservacionismo e pragmatismo que reduzem o ambiente e a problemática socioambiental aos seus aspectos biológicos –, sendo urgente e emergente a ampliação de discussões embasadas na Complexidade nas proposições formativas no âmbito da formação continuada.

No sétimo artigo, *Ações envolvendo a educação ambiental nas Cátedras, Centro e Instituto Paulo Freire no Brasil: analisando Paulo Freire nesses espaços formativos*, Alexandro Silva e Mônica Folena discorrem sobre a influência do pensamento freiriano nos espaços formativos presentes no título do texto, demonstrando como as propostas de formação continuada planejadas nesses *loci* contribuem para a construção de uma identidade socioambiental e comprometida com a sustentabilidade por meio do desenvolvimento de pensamento crítico, humanizado e emancipatório decorrente do diálogo entre a Universidade e as Cátedras, o Centro e o Instituto Paulo Freire através da interlocução cátedra-universidade-escola-sociedade.

Por fim, Suellen Correia e Rodrigo de Polleto pautam a educação ambiental formal no artigo intitulado *A educação ambiental e seus desafios: um olhar acerca das escolas municipais de São Sebastião da Amoreira-PR*, no qual trazem resultados de uma pesquisa desenvolvida em um Curso de Especialização em Geografia e Desenvolvimento Regional em que foi identificado que a educação ambiental ainda é um desafio nas salas de aula do Ensino Fundamental pelo fato de que há um déficit formativo na docência que vem perpetuando discussões pontuais no que diz respeito à problemática socioambiental.

Os textos em tela nos convidam ainda a refletir sobre temas como sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, formação docente e didática, ressaltando discussões sobre interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e Complexidade em prol da mobilização e oportunização de uma educação ambiental crítica.

Desse modo, os artigos publicados nesta edição trazem à baila um reflexo do que tem sido desenvolvido na seara concernente à educação ambiental em múltiplos contextos do país, assim como evidenciam também as necessidades que

são apresentadas nos estudos e que se propõem como instigadoras de novas pesquisas com vistas ao enfrentamento da problemática socioambiental que temos provocado e vivenciado, priorizando a inserção da dimensão ambiental nos processos formativos que, mesmo diante da legislação educacional que a preconiza em todos os níveis e modalidades de ensino, ainda desvelam-se como incipientes e reducionistas.

Com alegria, convidamos a sociedade a realizar a leitura deste número ao tempo em que agradecemos a todos e todas que colaboraram para a concretização de mais uma edição da Revista Sergipana de Educação Ambiental que, desde 2014, se propõe a trazer discussões consistentes e contributas para o campo acadêmico com o compromisso de fortalecer as reflexões sobre educação ambiental, lançando mão da esperança que nos acompanha na crença de que, assim, podemos despertar novas formas de pensar e agir com vistas à (re)construção de um mundo menos injusto à luz da dimensão ambiental da educação e de nosso viver.

Boa leitura!